

Texto de Sandra Bianchi para a exposição Agnes Farkasvolgyi e Leonora Weissmann na Galeria de Arte da Cemig –

A RESPEITO DA CURADORIA

“O quadro é uma coisa que faz ver outra coisa e, por isso mesmo, nos ensina modos de ver”

Merleau Ponty

Agnes e Leonora são artistas que se ocupam fundamentalmente da representação da pintura da figura humana. O que se aproxima não é a similaridade da expressão artística, mas o propósito: a pintura é para ambas o meio, através do qual se relacionam consigo mesmas e, por conseguinte, com o mundo. A práxis da pintura é para elas uma forma de reconhecimento interior – uma estratégia de conversa íntima e quem sabe, uma libertação? Não parecem ser, e nem se percebe, a pretensão de fazer grandes declarações sobre suas vidas. Desejam apenas trazer à tona questões específicas sobre si mesmas.

Barthes considerou que “quaisquer que sejam os avatares da pintura a pergunta que se faz é sempre a mesma: de que se trata.” O artista que não fornece chaves decodificadoras para o entendimento de sua arte, frustra o espectador. No caso de Agnes como Leonora a arte possui transcendência e se liga à busca metafísica do homem. O modo como Leonora retrata as suas personagens e Agnes se auto-retrata, constitui a pista da qual o espectador pode dispor para um melhor entendimento e apreciação das suas obras. Estas últimas revelam não simplesmente uma visão meramente pessoal, mas o modo como as artistas pensam sobre todos os aspectos inerentes a sua existência. Elas não expressam somente seus sentimentos, mas também o que conhecem sobre o sentimento humano.

O propósito dessa curadoria é não somente expor a produção de duas competentíssimas pintoras, mas, promover uma reflexão sobre a importância da arte como manifestação interior e modos de sentir, como um processo de catarse ou, generalizando ainda mais, como uma possibilidade vital de existência.

Agnes é ruído. Leonora é silêncio – modos particulares de ser e de se manifestar. Este é o mote principal da mostra.

A RESPEITO DAS ARTISTAS

(...)+

Já, os retratos de LEONORA impressionam antes de tudo pela possibilidade explícita da representação pictórica do silêncio. Suas pinturas, realizadas com tanta competência na técnica do óleo, tem esse poder de se tornar visível algo abstrato e imponderável. Para Merleau-Ponty, “o pintor é uma espécie de espelho do mundo, como aqueles que, num quadro holandês refletem, rearticulam e assim pensam a cena de que eles mesmos fazem parte. Por certo, quadro e coisas se dão de modos diferentes”. Leonora tem esta inusitada e encantadora capacidade de ser espelho e refletir, através do seu olhar

sensível, uma nova imagem – tão mais poética e interessante – do mundo e das pessoas. As personagens da sua pintura, amigos e familiares, são representadas frontalmente, e parecem nos olhar intensamente nos olhos. Tal como Rembrandt nos seus auto-retratos, as personagens de Leonora estabelecem com o espectador um diálogo intenso, mas, paradoxalmente silencioso.

Para a pintora, a realização de um retrato é também um rito. É uma forma de cultuar a arte em tudo que ela tem implícito, e de homenagear aqueles que lhe são caros. Esse silêncio existente e percebido nos seus quadros foi, sem dúvida, a grande e real presença, atmosfera reinante no momento da realização da pintura, entre o “ver” e o representar cada uma dessas pessoas. E como parece impossível desarticular o momento real do momento fictício – só possível de ser realizado nas obras de arte – esse estado do tempo foi, tal como as pessoas, imortalizado pelas mãos de Leonora.

Nas suas representações, dois conceitos de significados diversos – retrato e paisagem – convergem e se encontram no contexto de sua pintura, passando a coexistir intimamente. Tais conceitos integram-se de maneira tão precisa e singular que o retrato passa a ter elementos de paisagem. Há momento em que as lentes dos óculos de uma personagem refletem, tal como o espelho representado no quadro do pintor flamengo Jan Van Eyck no “Retrato de Giovanni Arnolfini e sua mulher”, a paisagem invisível aos olhos do espectador ou ainda, quando um tom foge das faces de outra figura representada e se instala naturalmente no espaço ocupado pela paisagem. Leonora também representa não somente a sua visão do mundo, paisagens internas, mas busca também as paisagens e a visão do outro.

Sandra Bianchi